

## O sentipensante da Kuñangue Aty Guasu, esperança agônica e ética comunitária

---

Por Deni Alfaro Rubbo\*

### Links

Perfil de Instagram de Kunangue: <https://www.instagram.com/kunangueatyguasu/>

Site web: <https://www.kunangue.com/>

“Ter fé na possibilidade do amor como fenômeno social, e não apenas excepcional-individual, é uma fé racional baseada em penetração na própria natureza do homem” (Fromm, 2006: 98). É assim que o filósofo alemão Eric Fromm, termina seu livro *A arte de amar*. Frequentemente associado aos arroubos individuais de românticos incorrigíveis e criador de mitologias na cultura popular, a noção de amor na sociologia segue um curso não convencional. Assim, torna-se um desafio mobilizar uma sociologia das emoções para decifrar o fenômeno das ações coletivas.

A sociologia das emoções é o terreno em que se está intelectualmente interessado no amor e na esperança enquanto empreendimento socialmente relevante. Entender seu significado no tecido social, para além do sentimento, é uma maneira de tornar as práticas sociais das ações coletivas e dos sujeitos envolvidos mais complexas (Scribano, 2017). Ao comentar o livro *The commercialization of intimate life: notes from home and work*, de Arlie Russell Hochschild, uma das principais referências do campo da sociologia das emoções, Maria da Gloria Bonelli observa que “o trabalho das emoções é mais acentuado entre os subalternos do que entre os senhores, entre os dominados do que entre os dominantes. Assim, em uma perspectiva de gênero, ele é mais acentuado entre as mulheres do que entre os homens” (Bonelli, 2004: 357).

Nesse sentido, o fenômeno social escolhido para conceber os nexos de amor, esperança e ação coletiva é a *Kuñangue Aty Guasu*, a Grande Assembleia das Mulheres Kaiowá e Guarani. No Brasil existem aproximadamente mais de 1,7 milhões de indígenas, segundo dados do Censo de 2022 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Os povos indígenas do estado do Mato Grosso do Sul (MS) seguem com 116,4 mil indígenas, sendo o terceiro estado mais populoso do Brasil. Criada em 2006, o coletivo das mulheres das etnias Kaiowá e Guarani tem atuado na região do Mato Grosso do Sul e está também conectado nacionalmente, através da Articulação Nacional das Mulheres Indígenas Guerreiras da Ancestralidade (ANMIGA).

---

\* Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul - UEMS/Universidade Federal de Grande Dourados - UFGD. E-mail de contacto: deni\_out27@uol.com.br



Parte significativa da trajetória recente da *Kuñangue Aty Guasu* pode ser acompanhada nos meios de comunicação e de informação, como a internet e, principalmente, nas redes sociais, além da criação de um site.<sup>1</sup> Na plataforma do *instagram*, aplicativo de rede social, a *Kuñangue Aty Guasu* possui um perfil e suas publicações são realizadas cotidianamente. É possível visualizar imagens, vídeos e produção de textos, além da interação entre seus usuários por meio de comentários e de atribuição de *likes*. Atualmente, são mais de 1.555 publicações. A *Kuñangue Aty Guasu* difunde suas denúncias, demandas, reivindicações e ações utilizando-se das redes sociais como um meio importante para sua circulação. Essa difusão e circulação de notícias se faz mais importante, pois está localizado na periferia do país, o que dificulta a repercussão de suas ações de resistência e das violências permanentes, sobretudo nos meios hegemônicos.

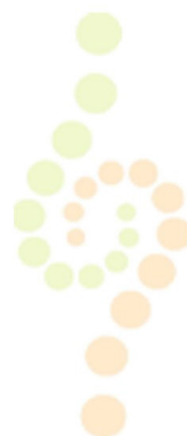
A *Kuñangue Aty Guasu* emerge como força social com demandas seculares como o território indígena e reivindica a vivência do seu modo de vida cada vez mais desmembrado e solapado pela espoliação da acumulação capitalista do agronegócio. Caracterizada por um forte caráter sociopolítico e cultural, as mulheres Kaiowá e Guarani realizam uma luta comum semelhante aos diversos movimentos populares anticapitalistas: buscam igualdade, justiça social e reconhecimento contra toda forma de exploração, dominação e opressão. Verdadeiras párias da terra, atualmente as mulheres indígenas no Mato Grosso do Sul são o motor da luta de classe da região. A partir de um lugar particular do mundo, expressam experiências de um corpo específico, o “corpo-território” (Tega, 2023), moldado pela questão de gênero, racial e territorial.

Seus vídeos e imagens transmitem as diversas ações cotidianas que realizam: mobilizações de marchas, concentrações, passeatas em escala local, nacional e internacional (assembleias, encontros, colóquios etc.); promoções de campanhas de arrecadação de alimentos, águas e roupas para diversas *retomadas*; reivindicações de políticas públicas para aldeias indígenas (orçamento de municípios, investimentos em escolas etc.); diagnósticos sobre a realidade social e a conjuntura política; organizações de diversas ações de acolhimento contra a violência doméstica; denúncias de centenas de mortes, torturas e desaparecimento que os povos indígenas são submetidos; atualizações jurídicas de assassinatos e massacres ocorridos na região. Há também em seu horizonte político uma preocupação explícita com os rumos da ecologia e do meio ambiente, como a destruição dos biomas (elas se autodenominam como “Mulheres Biomas em defesa da biodiversidade pelas Raízes Ancestrais”), o envenenamento das águas do Aquífero de Guarani e o protagonismo da soja, milho e gado na região.

Outra pauta presente em sua identidade coletiva é o combate à intolerância religiosa, à discriminação e às frequentes invasões e queimadas nas casas de rezas. Elas defendem os princípios da ancestralidade Kaiowá e Guarani: o saber sagrado, as práticas tradicionais da medicina ancestral, o canto, a conexão com a natureza. Em suma, buscam preservar as tradições culturais e os conhecimentos de seus povos “reflorestando mentes com nossos rezas e conhecimentos ancestrais”. Ou seja, sua ação política e simbólica é também uma reação ao colonialismo político e epistemológico de séculos.

---

1 Para visitar sua conta: <https://www.kunangue.com/>.



Esse conjunto de características pode ser visto a partir da noção de *sentipensante*, de Orlando Fals Borda. Para o sociólogo colombiano, o *sentipensante* é uma existência social de recomposição do corpo e alma, logos e mito, razão e amor, corpo e coração, separadas pela racionalidade eurocêntrica. De modo semelhante, o filósofo brasileiro Leandro Konder, baseado em Marx (2005), particularmente nos *Manuscritos econômico-filosóficos*, afirma que “o amor como uma ‘maneira universal’ que o ser humano tem de se apropriar de seu ser como um ‘homem total’, agindo e refletindo, *sentindo e pensando*, descobrindo-se, reconhecendo-se e inventando-se” (Konder, 2007: 21).

Talvez o que mais represente o caráter *sentipensante* da Kuñangue Aty Guasu são as lideranças espirituais *Nhandesy* (*Nhande* - nossa - *Sy* - mãe), uma espécie de guardiãs do mundo físico que cuidam, acolhem, constroem ancestralidades e resistem em gerações e gerações nesses 523 anos de violência ininterrupta. São formas de resistência e existência, movidos por ações e sentimentos que questionam a ordem existente. Como afirma Mariátegui, inspirado no filósofo espanhol Miguel de Unamuno, trata-se de uma forma de agonia que significa vida, combate, luta. Isto é, “agoniza aquele que vive lutando - lutando contra a própria vida. E contra a morte” (Mariátegui, 1971: 116).

“Todos os grandes movimentos por justiça social de nossa sociedade têm enfatizado fortemente uma ética do amor”, disse Bell Hooks (2021: 33). Desse modo, o caso da Kuñangue Aty Guasu no Mato Grosso do Sul expressa um conjunto de políticas de sensibilidades pela luta do território indígena e pelo combate ao esquecimento das práticas de conhecimento milenares pela cultura indígena Kaiowá e Guarani. Uma ética do amor baseada na agonia da esperança. Um cuidado com as diversas formas de coletivo na comunidade tendo como mobilização o amor “universal” como força transformadora “total”.

### Referências

- Bonelli, M. da G. (2004). Arlie Russell Hochschild e a sociologia das emoções. *Cadernos Pagu*, (22), p.357-372.
- Fals Borda, O. (2015). *Una sociología sentipensante para la América Latina*. Víctor Manuel Moncayo (comp.). México: Sigilo XXI Editores; Buenos Aires: CLACSO.
- Fromm, E. (2006). *A arte de amar*. São Paulo: Martins Fontes.
- Hooks, B. (2021). *Tudo sobre o amor: novas perspectivas*. São Paulo: Elefante.
- Kuñangue Aty Guasu. (Outubro, 2023). Home. <https://www.kunangue.com/>.
- Konder, L. (2007). *Sobre o amor*. São Paulo: Boitempo.
- Mariátegui, J. C. (1971). La agonía del cristianismo, de Miguel de Unamuno. *In Signos y obras* Lima: Amauta.
- Marx, K. (2005). *Manuscritos económicos-filosóficos*. São Paulo: Boitempo.



Scribano, A. (2017). Amor y acción colectiva: una mirada desde las prácticas intersticiales en Argentina, *Aposta*, n° 74, 2017.

Tega, D. (2023). Insurgências feministas ecosocialistas: um debate a partir do “corpo-território”. *Pátria Grande*, n.179.

